

COMPOSIÇÃO NOMINAL

Fabrizio POSSEBON
UFPB

Resumo: As gramáticas tradicionais abordam o tema da composição nominal, normalmente, em dois momentos: definindo-o, no capítulo da formação das palavras; e apresentando a formação do plural, no capítulo do substantivo. Pretende, por outro lado, o lingüista Émile Benveniste entender a composição nominal, nas línguas indo-européias, como um tópico da sintaxe. Portanto, nossa tarefa será, inicialmente, compreender sua proposta e, em seguida, tentar projetar sua contribuição em nossa gramática tradicional.

Palavras-chaves: *Composição nominal, metamorfismo, palavra composta.*

1. Introdução

A composição nominal é um recurso muito rico da língua portuguesa, todavia sua apresentação é pouco clara, em volta em muitas exceções e regras, tornando-se uma matéria pouco interessante e temerária. Quantas não são as vezes em que nos esforçamos para evitar um plural de palavras compostas? E o que dizer dos aumentativos e diminutivos? Desse modo, vamos nos dar por satisfeitos se alguma pequena contribuição pudermos obter de Benveniste na compreensão do tema.

Nossa fonte de investigação principal é seu texto *Fondements syntaxiques de la composition nominale, Fundamentos sintáticos da composição nominal*, que é o capítulo décimo primeiro da obra *Problèmes de Linguistique Générale, Problemas de Lingüística Geral*, e como referência da gramática tradicional, em língua portuguesa, consultaremos a *Gramática Secundária* de Said Ali e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra.

2. O texto de Benveniste

Benveniste, na introdução de seu artigo, após apresentar seu ponto de vista quanto à adoção da sintaxe, já que a morfologia

parece não suprir todas as questões, diz que vai considerar as **principais** classes de compostos. Cabe ressaltar então que não teremos um estudo de todas as possibilidades, mas sim das principais, portanto, não seremos exaustivos, algo vai ficar de fora, o que também não surpreende já que as gramáticas tradicionais não esgotam o assunto, mas apresentam somente alguns casos de composição.

Como princípio básico há a consideração de que a composição nominal é feita sempre e unicamente de dois termos. Assim, ao depararmos com uma palavra, que visualmente apresenta inúmeros termos, nossa postura será a de que se trata sempre de agrupamentos binários. Verificaremos, entretanto, se as gramáticas portuguesas apresentam algum exemplo que possa escapar a essa postura e, se for o caso, qual explicação poderia ser arrolada. Os exemplos de Benveniste, nesse momento, são simples como este, em inglês: *cocktailmixer*, *cocktail* (*cock* + *tail*, rabo-de-galo) + *mixer* (mistura), então *mistura de rabo-de-galo*.

Uma primeira divisão é, então, apresentada. Todos os compostos nominais se dividem em duas classes, entretanto, os dois elementos da composição são regidos por uma **relação lógica** e uma **estrutura formal**.

A estrutura formal depende da relação lógica. Somente a relação lógica fornece elementos adequados para a acima referida divisão binária. Cabe ressaltar que esse será um dos pontos principais de nossa atenção, pois Benveniste tem como pressuposto a relação lógica e, ao que parece, as nossas gramáticas tradicionais primam pela estrutura formal.

A primeira classe é aquela em que a relação lógica está contida entre os dois termos, a segunda, inversamente, é aquela em que a relação ultrapassa os dois termos em uma nova função. Portanto, em princípio, a opção binária parece cobrir todas as possibilidades. Qualquer variante será considerada uma subclasse de uma das anteriores.

A estrutura sintática, que está estabelecida entre os dois termos da primeira classe, pode ser assim classificada, em quatro itens:

1.D *vandva* (par). Os dois termos estão coordenados, sem conjunção. Portanto não há termo determinante nem determinado. Exemplo do sânscrito védico: *pitárâmâtárâ* (pai-mãe), igualmente pode ser encontrado *mâtárâpitárâ* (mãe-pai). Para a língua portuguesa, pensamos em alguns exemplos como: *corre-corre*, *perde-ganha* (*ganha-perde*), que são evidentes coordenações, embora a ordem das palavras não seja sempre aleatória.

2.Dois substantivos que se referem a um único objeto natural. Assim, em francês, *papier-monnaie* trata-se de um papel que é moeda, e não de uma moeda feita de papel. Temos então o determinado, primeiro termo, e o determinante, segundo termo. A relação sintática entre eles é dada pelo verbo *ser*, ou seja, uma predicação. Evidentemente, para explicar o porquê da junção de termos que designam coisas diferentes Benveniste deve se valer da semântica. Assim entre *papel* e *moeda* é proposto o *valor legal* de ambos. Muitos são os exemplos em português: *chave-mestra* (chave que é mestra), *manga-rosa* (manga que é rosa). Há que se encontrar para todos esses exemplos um valor semântico que os una.

3.Dois substantivos em relação de dependência. No inglês: *Arrow-head* (ponta da flecha), no sânscrito: *râja-putrá* (filho do rei). Temos então um determinante, no genitivo, e um determinado, no nominativo. Todavia Benveniste se debate com a questão de encontrar a relação sintática entre eles, pois paira a dúvida se se trata de um composto ou de um sintagma. Sua conclusão é que estamos diante de um composto com função predicativa (verbo *ser*), com duas variáveis, segundo a fórmula *x é de y*. Assim, a análise de *arrow-head* seria a *ponta é de flecha*. Dessa forma, Benveniste quer traçar a demarcação entre sintagma e palavra composta.

O sintagma não teria restrição lógica entre os termos, já a palavra composta implica a possibilidade de que os dois termos sejam por natureza relativos e exijam termos complementares. Assim, em português, *mestre-escola* é uma palavra composta, um *mestre que é de escola*, e *mestre* tem uma relação lógica com *escola*. *Pai de família*, *pai que é de família*, *pai* e *família* são semanticamente relacionados. Nestes exemplos: *moro em uma casa de praia*, e em: *moro em uma casa de madeira*, *casa de praia* parece ser uma palavra composta, pois cabe a interpretação *casa é de praia*, predicação, e *casa* e *praia* possuem uma relação lógica, são dois espaços. Em *casa de madeira* parece faltar somente a relação lógica entre *casa* e *madeira*. A relação lógica é sutil e não vemos como torná-la objetiva. Já adiantamos, então, que não vai ser sempre fácil fazer essa classificação. Recorreremos a Herculano de Carvalho, mais abaixo, na tentativa de melhor entendimento da questão.

4. Dois termos, sendo o primeiro um nome (determinante) e o segundo um verbo (determinado). A ordem dos termos é característica de cada língua. Assim, em inglês, *shoe-maker* (o que faz sapatos, o sapateiro), em francês, *porte-monnaie* (portamoeda). Exemplos que propomos, em português: *lava-pratos*, *fura-bolos*. Benveniste vai ainda, nesse tópico, se demorar na busca de uma explicação de certas anomalias em algumas línguas, principalmente nas clássicas, em que a aparente liberdade de colocação dos termos apresenta, na verdade, significados diferentes. Assim, procura o autor explicar as palavras gregas *karpophóros* (*karpón*, fruto; *phéro*, portar; então *o que porta por natureza ou vocação frutos, que produz frutos*) e *phérooikoi* (*phéro*, portar; *oikoi*, casas; então *que porta efetivamente suas casas, pois vivem em carroças e são nômades*). A ordem das palavras, em sua interpretação, seria indicadora de algum nuance, como nos exemplos acima, em que o verbo grego *portar* (*phéro*), conforme venha antes ou depois do nome, tem significados ligeiramente diferentes. No português, como já exemplificamos acima, estes compostos são sempre com

verbo + substantivo. Todavia o que pensar daqueles segundo o modelo de, por exemplo, *arborícola*? Sendo *cola* que cultiva, que habita, então, *aquela que habita em árvores*. Deixemos, por ora, suspensa essa dificuldade. Investigaremos se essas palavras são bem entendidas como compostos ou não.

Aqui termina a apreciação da primeira classe, ou seja, aquela em que a relação lógica está contida entre os dois termos. Passemos, então, à segunda classe, isto é, àquela em que a relação ultrapassa os dois termos.

Trata-se de um grupo complexo, denominado *bahuvrīhi*. Benveniste rejeita a denominação de *composto possessivo*, pois essas palavras terão algo mais do que posse. Rejeita também a denominação de *composto excêntrico*, pois lhe parece absurdo que um objeto tenha seu centro fora de si mesmo. Aqui se engana Benveniste, pois são numerosos os objetos com essa característica, como por exemplo, um anel, cujo centro, quer o geométrico quer o de gravidade, está fora dele mesmo.

Talvez por ter lhe parecido por demais evidente, Benveniste, em momento algum, nos dá o significado do termo sânscrito adotado. Recorrendo ao respeitado *A Sanskrit English Dictionary* de Monier-Williams temos a seguinte explicação: “1. adj., que possui muito arroz; 2. pronome ou adjetivo composto (a própria palavra *bahu-vrīhi*, *muito + arroz*, é já um *bahuvrīhi*), o último membro perde sua característica de substantivo e, junto com o primeiro, serve para caracterizar um nome”.

Entendida, pois a terminologia vamos à definição de Benveniste. A partir do composto sânscrito *devá-patnī*, que não significa *mestra de deuses* (se assim o fosse então seria um composto da primeira classe e não da segunda), mas sim *aquela que tem por marido um deus* ou *mulher de um deus*, Benveniste identifica a relação sintática complexa que está na base, ou seja, uma dupla predicação, desdobrando o “i” longo em dois breves: *devá-patnī + i*, *deus-é-marido é a ela*. A idéia de posse está nesse dativo de atribuição. Trata-se de uma construção também freqüente

em grego e latim. Um exemplo da primeira classe, para bem fixar a diferença é este, também do sânscrito: *g^obá-patnî, mestra de casa.*

Tendo definido a segunda classe, *bahuvrîhi*, como sendo a dos compostos que possuem uma relação lógica que ultrapassa os dois termos, remetendo-se a um terceiro elemento, sendo também essa relação uma composição de duas predicções, Benveniste avança com diversos itens que ele chama de implicações. São elas:

1. A estrutura formal e a sintática não são mais homólogas. Para os dois termos enunciados haverá um terceiro não enunciado.
2. Há sempre uma dupla predicção, uma de qualidade e outra de atribuição.
3. Essencial é a distinção acima feita entre os dois planos: atribuição e qualidade.
4. A primeira classe é uniplanar, os compostos são predicativos de qualidade e têm função unicamente sintática. A segunda classe é biplanar, os compostos combinam a função sintática com a semântica.
5. Deve-se encontrar o substantivo a que o composto se refere e na falta desse usamos a fórmula “aquele que tem”. Todos os exemplos de Benveniste para a segunda classe são de adjetivos, daí a presença de tal observação.
6. Benveniste identifica alguns casos de alteração, ou inclusão de um sufixo, que seria a marca formal da atribuição. Assim em inglês, *blue-eyed, aquele que tem olho azul, olho é azul é para ...*, predicção e atribuição, *-ed* seria a marca formal da atribuição.
7. Haveria um derivado, e não uma forma composta, se somente uma das características, qualidade ou atribuição, estivesse presente. Exemplos de Benveniste: em francês, *enfantin, infantil*, ele é criança (predicado, qualidade), a partir de *enfant, criança*. *Armé, armado*, ele tem arma (predicado de atribuição,

dativo de posse). Portanto uma característica de cada vez, e não ambas ao mesmo tempo.

8. Exis te uma hierarquia de necessidade: primeiro a qualidade, depois a atribuição. Um objeto só pode *ser à*, se primeiro *é tal*.

Passemos às conclusões de Benveniste. Os compostos são classes em transformação. São orações típicas, simples ou complexas, em forma de nomes. Não se pode compreendê-los pela simples junção de significados de cada elemento, portanto seu estudo não pertence à morfologia, mas sim a uma disciplina que ele denomina *metamorfismo*.

Quando a oração se transforma em palavra composta, a predicação fica suspensa, em estado virtual. Ocorre uma perda, uma limitação, nas possibilidades da oração, já que a relação entre os termos do composto não é qualquer. Ganha-se, por outro lado, com a variedade, com a força e síntese do composto.

Com isso damos por encerrada nossa primeira apreciação ao texto de Benveniste. Como havíamos proposto, agora abordaremos as nossas gramáticas tradicionais, com o objetivo de compreendê-las e tentar organizá-las segundo a proposta estudada. Não seremos exaustivos, já que o próprio Benveniste não se propôs a apresentar todos os tipos possíveis de compostos, mas só alguns, e as gramáticas tradicionais também não esgotam o assunto, mas ficam com os principais (ou seriam os mais simples?).

3. A gramática de Said Ali

Na divisão de assuntos gramaticais, Said Ali propõe o estudo da formação das palavras como um complemento à Lexeologia, esta por sua vez “não examina os vocábulos um por um, como faz o dicionário. Divide-os em um pequeno número de grupos ou categorias e registra os fatos comuns e constantes

e os fatos variáveis e excepcionais.” (Said Ali, *Gramática Secundária*, p. 15). Então, no capítulo Formação das Palavras, temos inicialmente a Derivação (sufixal, prefixal, parassintética, regressiva) e finalmente a Composição Nominal. Localizado o que nos interessa vamos à apreciação.

A definição de Said Ali é breve: “chama-se *palavra composta* a combinação de dous ou mais vocábulos com a qual se designa algum conceito novo, diferenciando-se do sentido primitivo dos termos componentes.” (p. 118) O próprio Said Ali faz remissão à sua *Gramática Histórica* para uma discussão mais aprofundada do tema. Como na seqüência do capítulo vem apenas a classificação dos compostos, com inúmeros exemplos, e uma lista de prefixos e radicais gregos, parece conveniente que acompanhem o autor em sua *Gramática Histórica*.

A definição aqui é, basicamente, a mesma, com o interessante acréscimo do fundo histórico, ou seja, é possível encontrar os termos que hoje constituem um composto em uso isolado. Outros, todavia, parecem que tiveram vida breve como termos independentes. Said Ali cita Darmesteter, que tentou encontrar uma marca formal para a distinção dos compostos. Segundo ele, a marca do composto é a elipse (ausência de palavra ou frase que em certos casos liga o sentido dos termos componentes, bem como o desaparecimento da terminação ou parte da terminação do primeiro componente). Contrariando tal postura são citados, por exemplo, em latim *manifestus* (por *manifestus*) – um composto sem elipse e o francês *beau-père* – outro composto sem elipse.

Enfim Said Ali recorre a Bréal: “Logo que o espírito reúne em uma só idéia duas noções até então separadas, todas as sortes de redução ou de petrificações do primeiro termo se tornam possíveis. Mas são fatos acessórios, cuja presença ou ausência em nada altera a essência das cousas. A verdadeira composição tem seu critério no espírito”. (*Gramática Histórica*, p. 259). Infelizmente chegamos a um ponto não desejado, ou seja, se o

critério está no espírito, então, como entendê-lo objetivamente? Já havíamos passado por isso quando estudamos a primeira classe, item 3, de Benveniste. Lá o problema era encontrar uma relação lógica entre os termos, de tal forma que *caminho de ferro* é um composto e *caminho de tijolos* não. Resta-nos, ainda, oportunamente Herculano de Carvalho.

Continuamos com Ali, sempre com a *Gramática Histórica*. Importa para o entendimento do composto se a língua mesma o produziu ou não. Assim o termo *vinagre* não foi produzido em português, pois o falante de língua portuguesa não tem a possibilidade de formá-lo. Se lhe fosse possível, o esperado seria **vinhagre*.

Segue-se, então, a classificação dos compostos, sempre com o critério formal das classes de palavras. Aqui diverge bruscamente com a proposta de Benveniste, que postula antes uma relação lógica entre os termos.

1) Combinação de substantivo + substantivo

Um grande número deles é imitação de outras línguas, já que o português não revelaria facilidade nesse tipo de composição, exceto para animais e plantas: *couve-flor* do francês *chou-fleur*, *vagomestre* do alemão *Wagenmeister*. Outras parecem ser nossas: *arco-íris*, *fidalgo-aprendiz*.

Mestre-sala e *mestre-escola* estão no lugar de *mestre-de-sala* e *mestre-de-escola*, mas a preposição não desaparece em *mestre-de-capela*.

Com animais e plantas, o segundo termo tem geralmente função descritiva e indica a semelhança ou alguma relação remota que o animal ou objeto, ou alguma de suas partes, tem com outro ser: *peixe-espada*, *peixe-boi*, *porco-espinho*, *manga-espada*.

2) Combinação de substantivo + preposição + substantivo

São bem ao estilo de nossa língua. Alguns compostos se

caracterizam pela delimitação de sentido, outros são denominações por metáfora. Exemplo do primeiro grupo: *pai de família*. Do segundo grupo: *menina dos olhos*, *pé-de-cabra*.

3) Combinação de substantivo + adjetivo

Ora um termo vem posposto, ora anteposto: *água-forte*, *arma branca*, mas *gentil-homem*, *alto-forno*. Há também casos de elisão: *cabisbaixo*, *boquiaberto*.

4) Combinação de adjetivo + adjetivo

A combinação se dá ora para indicar que alguma pessoa ou coisa participa ao mesmo tempo de uma ou outra qualidade, como *surdo-mudo*, *claro-escuro*, *luso-brasileiro*, ora para delimitar o sentido de um deles: *verde-escuro*, *azul-marinho*.

5) Combinação de pronome + substantivo

Não há explicação para a combinação, Said Ali apenas enumera exemplos: *Nosso Senhor*, *Sua Santidade*, *Vossa Alteza*.

6) Combinação de numeral + substantivo

Somente exemplos também: *bisneto*, *três-folhas*, *segunda-feira*.

7) Combinação com os advérbios *mal* e *bem*.

Exemplos: *bendizer*, *maldição*, *bem-aventurado*, *malquerença*, *malfeitor*.

8) Combinação de verbo + substantivo

Muitos exemplos em português não são explicáveis, pois que são adaptações de outras línguas, assim: *parapeito*, do italiano *parapetto*; *pára-vento*, do francês *paravent*. Em português não se aplicaria tal sentido para o verbo *parar*. Igualmente para os compostos com *portar*: *porta-voz*, *porta-bandeira*, já que em português estão com o sentido de *segurar*.

Said Ali discute, em seguida, a teoria de Darmesteter. Segundo este, o verbo estaria na forma de imperativo e não de indicativo. Ali não concorda e propõe uma explicação para esses compostos. Assim *saca-rolas* é o objeto que *saca rolhas*; *beija-flor* é a ave que *beija flor*. A explicação de Ali vai nos interessar muito na seqüência de nossos estudos. Finalmente ele analisa os compostos com *guarda*. Alguns são verbos transitivos, com o sentido de *resguardar* e com o substantivo como objeto direto: *guarda-comida*, *guarda-roupa*. Outros, todavia, têm interpretação diversa: *guarda-sol*, aquilo que se protege do sol, contra o sol.

9) Combinação de verbo + verbo

Poucos são os exemplos existentes: *vai-vém*, *corre-corre*, *perde-ganha*, *ganha-perde*. Esse último exemplo é valioso, pela mobilidade da ordem das palavras, como veremos.

Termina aqui a apresentação do tema feita por Said Ali em sua *Gramática Histórica*, que foi aquela que consultamos, já que a *Gramática Secundária* apenas esboça um resumo daquela. Antes da crítica e interpretação do trabalho de Ali, que faremos segundo a proposta de Benveniste, percorreremos a gramática de Cunha e Cintra.

5.A gramática de Cunha e Cintra

Há um capítulo na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* dedicado à classe, estrutura e formação de palavras. Neste encontramos a definição de palavras compostas como “as que contêm mais de um radical” (p. 82). Após alguns exemplos, segue-se uma nota que diz que “muitas formas compostas não são mais sentidas como tais pelos falantes. É o caso de *aguardante*, de *pontapé*, etc.” (p. 82). A tentativa aqui, portanto, é de uma definição formal, diferente de Ali, que apela para a existência de um novo objeto, conceituado pelo composto, diverso de cada um dos termos independentes.

No capítulo que segue, Derivação e Composição, encontramos o item Formação de Palavras por Composição, no qual a definição é retomada e completada com o que Ali já dissera.

A composição passa, então, a ser descrita segundo três tipos:

1. Quanto à forma: justaposição (cada elemento mantém sua integridade: *beija-flor*, *bem-me-quer*) e aglutinação (soldura de elementos, único acento tônico: *embora*, *pernalta*).
2. Quanto ao sentido: há um elemento determinado (idéia geral) e um determinante (idéia particular). A tendência do português é a ordem determinado + determinante (ex.: *escola-modelo*), mas os compostos eruditos apresentam o contrário (ex.: *agricultura*). Uma interessante nota lembra que o determinante possui a noção mais característica, daí, em alguns casos, só ele se manifesta. Ex.: *vapor* está por *barco a vapor*.
3. Quanto à classe gramatical. Trata-se da mesma apresentação de Ali, com o acréscimo de um décimo grupo: advérbio (ou adjetivo em função adverbial) + verbo. Ex.: *vangloriar-se*. No grupo advérbio + adjetivo há exemplos com advérbios diferentes de *bem*, *mal*; que são os únicos que Ali apresenta. Assim: *sempre-viva*, *não-euclidiana*. A gramática de Cunha e Cintra se limita a apresentar os tipos, não há qualquer tentativa de explicá-los. Algumas observações são feitas, não se acrescentando nada ao que já havíamos visto em Ali. Cabe, contudo, salientar o conteúdo da nota 2: "Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: *bem-te-vi*, *bem-te-vi-do-bico-chato*, *disse-que-disse*, *louva-a-deus*, *malmequer*, *não-me-deixes*, *não-me-toques*, *não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), *não-sei-que-diga*

(nome do diabo), etc.” (p. 106). Ora, um grupo tão significativo mereceria, a nosso ver, alguma explicação, além da simples constatação de sua existência.

Um novo item, concluindo, agora é proposto: Compostos Eruditos, com a lista de radicais latinos, radicais gregos, recomposição, hibridismo, onomatopéia, abreviação vocabular e siglas.

Até este ponto temos o seguinte: a proposta de Benveniste e o entendimento da composição nominal segundo a orientação chamada tradicional. O que vamos propor, na sequência, é a reorganização da gramática tradicional nos moldes apresentados por Benveniste e verificar se tal empreitada traz algum benefício significativo.

6. Nossa proposta

Não começaremos pelo óbvio, ou seja, pela definição de palavra composta, mas sim pela organização da matéria e, posteriormente, apresentaremos uma tentativa de definição.

Primeira classe, ou seja, aquelas palavras cuja relação lógica está contida entre os dois termos. Assim *claro-escuro* não é outra coisa que um adjetivo com as idéias de claro e escuro, *papel-moeda* é um tipo específico de papel, *salário-família* é um salário, *bate-estacas* é algo que bate as estacas, *pai de família* é auto-explicativo.

- 1) Par. O conjunto é entendido como uma simples adição de termos, com seus significados próprios. É a simplificação de uma estrutura coordenada com “e”, cuja conjunção desapareceu. São exemplos: *corre-corre*, *perde-ganha*, *ganha-perde*, *vai-vém*, *surdo-mudo*, *claro-escuro*, *luso-brasileiro*, *tragi-cômico*, *herói-cômico*. Apenas um dos exemplos mostra com clareza a possibilidade de inversão da ordem dos termos, o que seria um ar-

gumento forte a favor da coordenação. Evidentemente, o uso fixa uma ordem preferencial e a outra não é aceita pelo falante. A tendência geral do grupo é fazer o plural apenas do segundo elemento. Encontra-se, todavia, registrada a forma *corres-corres*, e *surdo-mudo* sempre faz plural em *surdos-mudos*. Este último exemplo é interessante, pois poder-se-ia pensar não em coordenação dos termos (indivíduo que é surdo e mudo), mas em outro tipo de relação (indivíduo mudo, por ser surdo).

- 2) Dois termos, sendo um o predicado do outro. *Papel-moeda* (papel que é moeda, e não um papel de moeda). Exemplos: *couve-flor*, *língua-mãe*, *arma branca*, *alto-forno*, *segunda-feira*, *Vossa Alteza* (interpretados como couve que é flor, língua que é mãe, feira que é segunda, Alteza que é vossa, etc.). Os plurais *papéis-moedas*, *couves-flores*, *línguas-mães*, *armas brancas*, *altos-fornos*, *segundas-feiras* *Vossas Altezas* podem sustentar o ponto de vista da predicação, pois esta é a concordância corrente do português, com os adjetivos predicativos: *altos-fornos*, fornos que são altos, por exemplo. Os substantivos vão por analogia, mas tal procedimento tem sua limitação, pois temos também plurais como: *papéis-moeda*. Será que *surdo-mudo* não se encaixaria aqui como *surdo* que é *mudo*, daí justificando-se o seu plural?
- 3) Dois termos em relação de dependência. Determinante e determinado. X que é de y. A dependência, um típico genitivo, pode ter a preposição “de” ou não. Exemplos: *mestre-sala* (mestre de sala), *estrada de ferro*, *salário-família*. Parece evidente que o plural aqui seja feito apenas com o primeiro termo: *mestres-sala*, *estradas de ferro*, *salários-família*.
- 4) Dois termos, o primeiro, um verbo, exerce uma ação sobre o segundo, um substantivo. Exemplos: *guarda-roupa*, *guarda-chuva*, *bate-estaca*, *passatempo*, *mata-rato*, *quebra-nozes*, *pára-raio*, *porta-*

bandeira. Já vimos em Ali a questão da transitividade dos verbos; como *guardar* nos exemplos acima. O plural é normalmente feito no substantivo: *guarda-roupas, guarda-chuvas, bate-estacas, passatempos, mata-ratos, quebra-nozes, pára-raios, porta-bandeiras*.

Segunda classe, ou seja, aquelas palavras cuja relação lógica ultrapassa os dois termos, remetendo-se a um terceiro elemento que já não é fácil ser percebido por si mesmo. Distanciamonos de Benveniste nesta nossa proposição, já que o lingüista francês inclui aqui somente adjetivos e nós pretendemos uma maior amplidão de tipos. A dupla predicção deve ser buscada: atribuição e qualidade. Vejamos alguns exemplos.

Amor-perfeito não é um amor que é perfeito, nem amor de perfeito, nem uma soma de amor e perfeito, mas uma flor, ou seja, um terceiro elemento, já muito distanciado dos dois termos. A dupla atribuição, que Benveniste propõe e assim explica os adjetivos da segunda classe, poderia ser aqui pensada, aproximadamente, do seguinte modo: a flor é um amor, que é perfeito, ou a flor tem um amor, que é perfeito.

Pé-de-galinha não é um pé em sentido próprio, muito menos de galinha, mas sim uma ruga, que guarda alguma semelhança com a imagem do pé da galinha. Parece que o distanciamento justifica a segunda classe. Mais difícil é encontrar a dupla predicção. Talvez, desta forma: a ruga é um pé, que pertence à galinha, semelhante ao da galinha; ou a ruga tem um pé, que é de galinha.

Quadrípede não é apenas quatro pés, mas um animal, que tem pés, sua atribuição, e que são quatro, a qualidade. Ou o animal tem pés, que são quatro.

Fura-bolo não é algo que especificamente fura o bolo, mas é o nome do dedo indicador. A atribuição é feita ao dedo e sua qualidade é a de furar bolo.

A dificuldade dessa classe é justamente saber quando o distanciamento é tal a não mais percebermos ao que se refere a palavra composta, já que temos muitos exemplos dúbios, como: *criado-mudo*, que evidentemente não é um criado, mas um móvel. Todavia a imagem é forte e viva, pois é metaforicamente um criado que é mudo, parece portanto ser um composto da primeira classe, do segundo item apresentado.

Vejamos o plural dos nossos exemplos: *amores-perfeitos*, *pés-de-galinha*, *quadrúpedes*, *fura-bolos*, *criados-mudos*. O plural, portanto, tem o mesmo comportamento da primeira classe, ou seja, não tem um tratamento diferenciado.

Nesse ponto resta a dúvida se a segunda classe é justificável ou não. Pensamos que sim, já que temos palavras compostas que não são compreensíveis pelos modelos da primeira classe. Assim, parece que na primeira classe vamos agrupar somente aquelas palavras perfeitamente explicáveis como *par*, *predicação*, *dependência* e *ação* e, na segunda, os demais casos, que tentaremos explicar como um conjunto de *predicação* e *atribuição*.

Dois pontos ainda restam: uma definição de palavra composta, de forma a distingui-la de sintagma, e o tratamento a ser dado às palavras de mais de dois termos como *bem-te-vi-do-bico-chato*.

As definições que vimos até aqui (apresentados em termos tais como: presença de dois radicais, remetendo-se a uma idéia simples, distinta das idéias dos radicais formadores, diacronicamente compreensível, apreensão do espírito como um novo termo) parecem não dar conta de toda a complexidade da questão. Vamos, conforme já anteriormente anunciado, recorrer ao linguista Herculano de Carvalho. Segundo o mestre português há que distinguir sintagma livre, sintagma fixo e palavra composta por meio de suas propriedades.

O sintagma fixo se distingue do sintagma livre em dois aspectos: unidade semântica e unidade morfo-sintática. O primeiro aspecto é aquele já caracterizado, assim *amor-perfeito* é uma

flor e não um amor perfeito. A unidade morfo-sintática é apresentada por meio de muitas características, sendo que a cada exemplo segue uma lista de exceções. A propriedade dada como essencial é esta: o sintagma fixo funciona sintaticamente como uma palavra, assim se for substituído o será por uma palavra (Vejo um amor-perfeito, vejo um cravo).

Feita a distinção entre sintagma livre e fixo, Herculano propõe agora a distinção entre o sintagma fixo e a palavra composta. A diferença essencial é o acento. Enquanto o sintagma fixo admite mais de um acento tônico, o mesmo não se dá com a palavra composta. Exemplo: *amór-perfêito* em contraponto a *boquiabérto*.

Segundo Herculano, então, entre os compostos só se contam aqueles termos em que o processo diacrônico de transformação já avançou até a completa fusão. Não é essa a definição que utiliza Benveniste e nem os autores consultados das gramáticas tradicionais, todavia a definição de sintagma fixo em Herculano nos interessa, pois ela mesma já ajuda no entendimento de palavra composta em oposição ao simples sintagma.

Vamos então apresentar uma síntese do que apuramos com essa investigação.

Palavra composta é aquela formada apenas por dois elementos (é possível que haja mais de dois, todavia há que agrupá-los semanticamente em grupos de dois: *não-te-esqueças-de-mim* parece resistir ao agrupamento, mas *disse-que-disse* poderia talvez ser entendido como * *disse-disse*). A substituição de uma palavra composta, numa oração, só poderá ser feita por outra palavra e tal propriedade garante que estamos, de fato, diante de uma nova idéia simples, que se distancia, em certa medida, das idéias contidas nos dois termos formadores. O uso do hífen, a completa fusão dos termos ou o espaço entre eles apenas nos informa sobre uma certa confusão no entendimento. Tal confusão mostra a evolução diacrônica do conceito.

Duas classes são propostas para explicar o funcionamento dos compostos, sempre por meio de uma relação sintática.

A primeira classe é aquela regida pela coordenação, predicação, dependência e ação. Assim, entre os dois termos há

que se encontrar sempre uma das relações sintáticas acima. O plural de tais compostos é, em grande número de casos, bastante regular, pois segue a própria lógica da relação sintática.

A segunda classe agrupa as demais ocorrências. É possível propor a relação sintática de atribuição e predicção, entre os dois termos. É uma classe ampla, não totalmente clara, como é mostrado também pelo uso dos plurais, pois parecem seguir, por analogia, os parâmetros da primeira classe.

Há que se aperfeiçoar, portanto, o entendimento dessa segunda classe e buscar as relações sintáticas que regem os compostos formados por múltiplos elementos. Há que buscar também que diferenças existem entre os compostos formados em nossa língua e aqueles recebidos como palavras estrangeiras. Pois parece confortável propor termos como *porta-moeda*, *porta-copo*, mas não **cidadicola*, *um suposto habitante das cidades*, segundo o modelo de *arborícola*.

7. Conclusão

Como conclusão vamos rever o caminho percorrido. Nossa proposta foi inicialmente estudar o texto de Benveniste. Trata-se de um ensaio interessante pois objetiva dar um passo a mais na compreensão do intrincado composto. Buscando assim compreendê-lo como articulado por uma sintaxe interna, o linguísta francês propõe duas classes e uma série de relações sintáticas entre os dois termos. Não esgota o assunto, mas permite uma reflexão nova.

Em seguida, exploramos duas gramáticas da língua portuguesa, segundo o paradigma tradicional, escolhidas entre autores consagrados. Investigamos o capítulo da composição nominal e verificamos algumas dificuldades: poucas explicações para os fenômenos e não abrangência àquelas ocorrências mais problemáticas. Evidentemente, essas gramáticas não tiveram o objetivo de esgotar o assunto.

Nossa proposta foi tentar um ajuste na abordagem tradicional, pelo texto de Benveniste. O resultado nos pareceu satisfatório. A primeira classe de Benveniste suporta bem uma

quantidade significativa de compostos portugueses. O plural, nesse caso, pareceu bastante evidente. Já a segunda classe, mais obscura em Benveniste, tem sua correspondência em português. Portanto, nesta classe, agrupamos muitas dificuldades a serem resolvidas ainda. O plural novamente espelha a dificuldade.

Evidentemente, toda a análise foi centrada em uns poucos exemplos, bem escolhidos pelos autores, e também por nós. A superação das dificuldades encontradas e uma maior confiança no resultado só poderiam ser asseguradas se explorássemos uma quantidade grande de compostos. Tal não foi nossa empreitada, de fato, limitada como um modesto artigo.

REFERÊNCIAS

- BASILIO, Margarida (1987). *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- BENVENISTE, Émile. (1974). Fondements syntaxiques de la composition nominale. In: *Problèmes de linguistique générale – II*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Paris: Gallimard.
- CARVALHO, José Herculano de. (1974) *Teoria da Linguagem. Tomo II*. Págs. 504 – 525. Coimbra: Atlântida.
- CINTRA, Lyndley & CUNHA, Celso (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KEHDI, Valter (1999). *Formação de palavras em português*. 3ª ed. São Paulo: Ática.
- _____. (1998). *Morfemas do português*. 4ª ed. São Paulo: Ática.
- MONIER-WILLIAMS, Monier. (1977) *A Sanskrit-English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass.
- SAID ALI, Manoel. (1964) *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Edição revista e atualizada. Brasília: Universidade de Brasília.
- VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. (1981) Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Bloch.